

## FILOLOGIA ROMÂNICA

### **META**

Compreender a filologia românica no âmbito geral dos estudos filológicos e nas particularidades que lhe são próprias.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula o aluno deverá:

definir a filologia românica no contexto dos discursos filológicos;  
reconhecer a correlação entre a filologia românica e a linguística em geral;  
discutir as principais teorias que sevem de base para os estudos da filologia românica;  
conhecer o percurso histórico em que a filologia românica se definiu ao longo dos tempos;  
situar a língua portuguesa no contexto das outras línguas românicas.

### **PRERREQUISITOS**

A compreensão do fenômeno linguístico é o primeiro pré-requisito desta aula, daí ser necessário retomar, reler, revisar tudo quanto se disse na aula anterior.

Por fazer referência especificamente à filologia românica, esta aula também requer um vasto conhecimento da cultura romana, ou melhor, greco-romana, na qual a língua latina e a língua grega tornam-se elementos indispensáveis para o bom conhecimento do ponto aqui abordado. É Aqui não se trata, é claro, de um conhecimento seguro dessas duas línguas, mas algo que sirva de base não só para assimilar conceitos, mas também para perceber o processo de variação ocorrido dentro do próprio latim.

Outro requisito básico diz respeito ao domínio de elementos básicos da cultura greco-latina e da cultura geral, aliado às abordagens de cunho histórico, geográfico, político, social, religioso e econômico, a fim de bem perceber o que se encontra nas entrelinhas do processo de domínio e colonização que Roma exerceu sobre os povos mais fracos.

Leia, portanto, com muito cuidado, a aula anterior. Faça também uma séria revisão dos elementos sócio-culturais condutores de todo o processo de domínio e civilização.

latim. Nada, porém, que espante; pelo contrário, prepare-se para viver agradáveis surpresas e realizar viagens por demais interessantes.

## INTRODUÇÃO

Algo bastante constrangedor ainda prejudica o desenvolvimento das nações menos importantes, menos poderosas. Trata-se, certamente, da concepção de cultura, levando muitos povos a se sentirem inferiorizados, olhando a cultura alheia como algo superior, refinado, de maior valor, tanto se disse da cultura europeia, tratada até como algo de direito divino.

Tal postura vem de longas datas, por isso os romanos se achavam no direito de chamar de *bárbaros* aos povos que não falassem a língua latina. Até hoje, as nossas gramáticas denominam de *barbarismo* o costume de introduzir elementos de outras línguas no discurso corriqueiro dos falantes, sobretudo quando se possui uma denominação correspondente na própria língua. Vem de longe, portanto, o preconceito das línguas consideradas nobres contra as outras tratadas como vulgares, ou seja, do vulgo, do povo, geralmente constituído de pessoas economicamente mais pobres.

Note-se que o preconceito linguístico está muito associado à condição econômica de cada falante, mas também já esteve e ainda está ligado à xenofobia. O preconceito é tão forte que certos termos relacionados a este fenômeno (bárbaro, brabo, brabeza) se mostram pejorativos. Os judeus, durante muito tempo de sua história, falavam dos *gentios*, para designar os povos de outra religião, sobretudo os incircuncisos.

Em muitos meios católicos, o termo *pagão* ainda se refere ao não batizado, numa alusão velada ao camponês, ao homem rude (em oposição velada ao erudito, *e(x)+rude*).

Perceba, você, então, que o preconceito linguístico de que hoje tanto se fala possui outras formas de apresentar-se e muitas delas provêm de longas datas.

Os romanos acharam de conquistar os povos bárbaros e conseguiram estender o seu domínio a lugares bem distantes. Levavam com eles a língua latina e, mesmo que os objetivos das conquistas fossem de ordem econômica, política, administrativa e territorial, o latim acabou sendo levado junto com os conquistadores. Em contatos com novos falares, o latim aqui em pauta era o latim vulgar, falado pelo povo, sobretudo pela população do campo. Era, portanto, já bastante diferenciado do latim clássico, escrito e documentado, dos oradores, escritores, e dos habitantes das cidades. Este latim não se desloca tanto como se deu com a vertente popular.

Do contato que o latim teve com os falares dos povos desconhecidos, vai surgir uma terceira língua, que já não é mais o puro latim nem tampouco o falar específico de cada região.

O nosso objeto de estudo é, pois, a Filologia Românica, ou seja, o processo e as caracterizações das mudanças sofridas pelo latim nestes contatos de língua e o que se foi tornando com o passar do tempo.

Depois de ter visto na primeira aula a Filologia de modo geral, agora você vai conhecer o que seja a Filologia Românica. Na verdade, esta aula é um ampliação da anterior, mas atem-se a uma filologia bem característica: a filologia românica, aquela que se limita ao conhecimento da evolução do latim e suas marcas atuais no terreno das línguas novilatinas.

Tenha certeza de que o estudo é muitíssimo interessante. BOA SORTE!

## FILOLOGIA ROMÂNICA

Para realizar estudos filológicos, pode-se tomar uma determinada família linguística e aplicar a ela todos os princípios válidos para os estudos da filologia em geral. Assim, você vai ouvir falar de filologia grega, germânica, eslava, das línguas árabes etc. conforme seja direcionada a atenção para uma dessas famílias especificamente.

O estudo aqui proposto é de FILOLOGIA ROMÂNICA e, neste sentido, estaremos interessados em conhecer a filologia das línguas oriundas do latim e suas respectivas literaturas de qualquer espécie, desde as origens até os dias atuais.

Estas línguas também possuem outras denominações: *Romances*, *Romanços*, *Neolatinas* e *Novilatinas* e entre elas se situa o nosso português. Procuraremos conhecer o percurso do latim até às formas atuais, bem como faremos um estudo comparativo dessas línguas entre si, reconhecendo diferenças e semelhanças no processo de variação. Tais variações ocorrem muito mais no plano fonético, mas também atingem os aspectos gráficos, sintáticos e semânticos, caracterizando o surgimento de novos idiomas.

Importa, logo de início, captar com muita segurança as verdadeiras acepções do termo ROMANCE. O senso comum possui desta palavra uma noção unicamente associada a obras literárias. Até a maioria dos estudantes de Letras vai demonstrar sua compreensão de Romance como composição literária tratando de amor, paixão, ódio, ciúme, traição. Assim, se fala que o Cortiço, de Aluísio Azevedo; Iracema, de José de Alencar; Dom Casmurro, de Machado de Assis são exemplos de obras românticas.

É bom que se distingam bem os dois conceitos:

ROMANCE, qualquer que seja a ótica em que é considerado, tem a sua origem ligada à palavra ROMA, mas uma coisa é o ROMANCE ROMÂNTICO e outra coisa é o ROMANCE ROMÂNICO.

No primeiro caso, trata-se do conceito assimilado pelo senso comum, quer dizer, as obras de cunho amoroso e sentimental. No segundo caso, estão todas as línguas oriundas do latim. Assim sendo, o português, o francês, o espanhol, o romeno são ROMANCES ou ROMANÇOS como também se usa falar.

Inicialmente, a denominação ROMANI era reservada aos habitantes de Roma, enquanto o termo LATINI designava os habitantes do LATIUM, território do mesmo nome, mas constituído de diferentes etnias, que se foram agrupando em comunidades maiores (Séc. VI-IV a. C.), ligadas, muitas vezes, por motivos de ordem religiosa. Quando, posteriormente, (a partir do século III a.C.) Roma vai-se impondo aos outros povos, os conceitos tornam-se mais distintos.

Romanus tinha, originariamente, um conteúdo étnico e político, como se pode ver nas expressões *Civis Romanus* e *Populus Romanus*. Depois, com a expansão do Império, o direito civil manteve em evidência o significado político de *Romano*.

No ano de 212 de nossa era, o Edito de Caracala concede o direito de cidadania romana a todos os habitantes livres do Império. Assim, todos passaram a ser chamados *Romanos* e o termo adquire um conteúdo coletivo, passando a designar os povos mais diversos desde que estivessem sob o domínio do poder de Roma.

Como já se frisou, os conquistadores romanos não tinham objetivos linguísticos. Os romanos não saíam de sua pátria com a finalidade de ensinar a língua latina pelo mundo conquistado. O latim, como já se observou, seguia na bagagem dos conquistadores, geralmente soldados, comerciantes, funcionários da administração, aventureiros, todos eles, cada qual a seu modo, interessados em conquistar, avançar em territórios alheios, saquear, subjugar, revelando concretamente o poder militar de Roma. Por isso, já se disse que o latim acompanha a romanização e do fato da expansão do poderio militar nasceu o termo *România*, tal como se fala de *Britânia*, *Germânia*, *Ibéria*, *Gália* etc, numa referência à dominação territorial exercida por outros povos.

Na verdade, o termo *România* designa o conjunto de regiões onde se falou o latim e, posteriormente, os territórios onde se fala uma língua românica. Esta nova designação, aparecida já no século V, vai substituindo as antigas denominações *Imperium Romanum* e *Orbis Romanus*.

Finalmente, após a queda do Império Romano do Ocidente, os termos *Romanus* e *Romania* vão ficando restritos semanticamente ao campo linguístico e cultural. *Romani* vai designar os que falavam uma língua derivada do latim.

Sabe-se que o Concílio de Tours (813) representa o grande marco no impulso das línguas românica quando o artigo 17 dos Cânones deste sínodo, além de registrar o aparecimento da expressão *Romana Língua*, ordena aos pregadores e bispos que façam uso desses falares do povo em suas homilias e traduzam as mensagens para que todos as possam entender:

Visum est unanimitati nostrae ut quilibet episcopus habeat omelias continentes necessarias ammonitiones, quibus subiect erudiamur... Et ut easdem omelias quisque aperte transferrestudeat **in rusticam Romanam linguam aut Thiotiscam**, quo facilius cuncti possint intelligere quae dicunt.

A todos nós pareceu necessário que cada bispo faça Homílias, que contenham os ensinamentos indispensáveis, com os quais os fiéis sejam instruídos...E cada um procure traduzir **para a rústica romana língua ou teodística**, de modo que todos possam compreender facilmente o que se diz.

Esta preocupação em fazer os sermões na língua que melhor os fiéis entendessem já se encontra em São Paulo e mais tarde em Santo Agostinho. *Melius est reprehendant nos grammatici quam non intelligant populi / É melhor que os intelectuais nos critiquem, do que não nos entendam às pessoas simples.* (Agostinho, Enarratio in psalmum 138, 20).

Ao que se percebe, existe uma atitude de dupla face no trato do latim pela Igreja: por um lado, ela insiste no uso da língua popular de cada região para facilitar a compreensão da mensagem; por outro, incentiva a valorização do latim como língua culta, que vai ganhar espaços nos grandes centros intelectuais desde a Idade Média até os tempos modernos, fazendo-se presente sobretudo nos mosteiros, nas bibliotecas, nas universidades, nos documentos oficiais, nas obras literárias.

O primeiro caso muito favorece o avanço dos diferentes romances, sendo o ambiente eclesial e pastoral um excelente lugar para a sua ampliação e consistência.

O segundo caso leva a encarar o latim como língua de grande importância para a compreensão da cultura em geral, chegando-se, pouco a pouco, a considerá-lo como uma espécie de língua sacra e de pleno direito divino. É assim que a recomendação original de usar os diferentes romances visando à plena compreensão da mensagem, vai perdendo a sua força e cedendo espaço até chegar-se à imposição do latim como única língua oficial da Igreja, tornando-se obrigatório o seu uso no cultos, nos documentos, nos cânticos etc.

Esta postura exagerada consegue manter-se até a década de 1960 quando, finalmente, e não sem muita polêmica, se volta à posição inicial de poder articular a divulgação da mensagem na língua de qualquer povo.

Não há como negar que esta imposição tenha sido responsável pela antipatia e rejeição que se criou em relação ao estudo do latim. No Brasil, a língua latina foi inteiramente retirada dos currículos do ensino fundamental e o que restou do ensino de latim nos cursos superiores de Letras vai sendo reduzido, pouco a pouco, com tendência, lamentavelmente, à extinção total.

A compreensão da filologia românica, o avanço dos estudos nesta área, a pesquisa documental, o estudo aprofundado sobre o significado das palavras, a aplicação do método histórico-comparativo e outros afins nunca serão satisfatoriamente conseguidos sem o recurso ao latim e ao grego. É por isso que os conhecimentos de língua latina são considerados prerequisites para os estudos de filologia românica.

Esta disciplina, portanto, é para ser estudada tendo às mãos os módulos 1 e 2 de Fundamentos da Língua Latina. Você vai perceber que os assun-

tos se entrelaçam e muita coisa vai-se esclarecendo nesta articulação que deve ser feita entre os estudos de Filologia Românica e os de Fundamentos da Língua Latina.

É lamentável que os métodos geralmente usados no ensino do latim em nada contribuem para favorecer esta articulação e, o que é pior, nem se atina para essa necessária articulação. O ensino do latim em muitas universidades acaba sendo intragável, quando não uma fonte de reprovações por semestres consecutivos. Também não é raro ser o latim usado como fonte de *pegadinhas* pela qual se insiste na cobrança de regras e mais regras que exigem a memorização sem estabelecer qualquer ligação com outros ramos do saber, a iniciar-se pela filologia romântica.

Segundo Sílvio Elia (1979, p. 2-4), existe uma forte relação entre a *filologia e a linguística*, relação da parte para o todo, no sentido em que a linguística é mais abrangente enquanto representa o estudo das línguas em todos os seus aspectos, inclusive o filológico. Historicamente, porém, a filologia precede à linguística, mas esta acabou assumindo um aspecto mais generalizado em que se incluem todas as abordagens possíveis no terreno das línguas e, neste âmbito, situa-se, modestamente, a filologia.

O propósito de formular princípios gerais de explicação dos fenômenos trouxe maior aproximação entre filologia e linguística e os dois termos passaram a ser usados indistintamente embora algumas ressalvas sempre se imponham. A linguística é, na verdade, a ciência dos fatos da linguagem, estudados em todos os seus aspectos. Em sentido amplo, todo filólogo é um linguista, mas há muitos domínios da ciência da linguagem ou, melhor dizendo, da linguística geral, que escapam ao filólogo.

Por estas considerações, o termo LINGUÍSTICA ROMÂNICA tem sido uma designação alternativa para a disciplina aqui estudada, haja vista ter a linguística como objeto o instrumento da língua pelo qual igualmente produz textos e se ocupa com a capacidade e a atividade de discursar.

No primeiro caso, o texto tem que ser visto como algo articulado, coerente, conciso e portador de significado, algo que se consegue pela articulação paulatina de elementos diversos até se constituir um todo. Você deve associar a palavra *texto* a *tecido*, numa perfeita articulação com o termo *têxtil*. A língua é, por assim dizer, uma verdadeira *indústria têxtil*, lugar em que se *tecem* os fios das palavras e a língua também se realiza nos discursos.

Assim, a *linguística românica* vai ter como objeto os discursos tecidos nas línguas românicas, que são reveladoras dos aspectos comuns da romanidade. Considerando-se os detalhes menores, pode-se chegar aos fenômenos linguísticos singulares que nada têm a ver com aspectos comuns da romanidade, mas revelam feições bastante particularizadas de determinadas regiões, de determinado povo. A este exemplo, pode-se falar do desenvolvimento do espanhol no México.

Este assunto não diz respeito à linguística românica, mas, sim, à linguística particularizada de cada povo, de cada idioma. Mesmo assim, é

bom que se diga que os limites dificilmente podem ser traçados e há muitos casos em que os problemas básicos da linguística românica só podem ser resolvidos na compreensão das linguísticas particulares de cada língua.

A formação das línguas românicas tanto se deve à relaxação dos laços exteriores e à debilitação da vitalidade cultural do Império Romano, quanto se deve à formação de novas comunidades linguísticas nacionais que restabelecem e vivificam, de forma independente, a tradição cultural antiga.

A formação e a história das línguas românicas representam causas e razões étnicas, geográfico-econômicas, sociológicas, políticas, religiosas, dinásticas, culturais. Você percebe com isso que o aspecto puramente linguístico não existe. Você consegue imaginar os romanos querendo conquistar os povos de regiões longínquas com a única finalidade de ensinar-lhes o latim?

Você consegue imaginar o poder romano enviando aos territórios conquistados professores de latim em vez de soldados, comerciantes, funcionários públicos?

Não é sem razão que a linguística recebe o nome de *nobilis ancilla, serva nobre*, ou seja, uma proveitosíssima ciência auxiliar da história.

A filologia românica muito se firmou com o advento do método histórico-comparativo. A sua aplicação no domínio das línguas neolatinas e o nome *filologia românica* com que a disciplina surgiu são dados significativos no contexto intelectual de uma época, haja vista o interesse de estudiosos por textos e temas dos estudos clássicos, uma tarefa que exigia conhecimentos técnicos com vistas a restabelecer o texto em sua forma original e a capacidade de manipular informações extremamente variadas a respeito da época alusiva aos textos, exigindo, paralelamente, um domínio muito seguro das línguas antigas, donde o emprego mais antigo do termo *filologia clássica*.

A proposta de estudar filologia românica se prende à demonstração de como se deu a multiplicidade das línguas oriundas do latim. A transformação decisiva da România em grandes territórios linguísticos com características nacionais definidas começa, portanto, no momento em que um dialeto formado a partir do latim vulgar já não é mais sentido pelos seus falantes como uma espécie de latim modificado, mas sim como língua nova tendo condições de cumprir suas tarefas individualmente. Para isso, tinha-se um ponto de comparação naquele latim que vai continuar empregado normalmente como língua litúrgica pela Igreja Católica.

Observe a seguir as línguas românicas em suas diferentes denominações e distribuições territoriais:

I. *România Ocidental* com as zonas parciais seguintes:

- a) Galo-românia (provençal, franco provençal e francês).
- b) Reto-românia.
- c) Norte da Itália.

d) Ibero-românia (catalão, espanhol e português).

II. *România Oriental* com as seguintes zonas parciais:

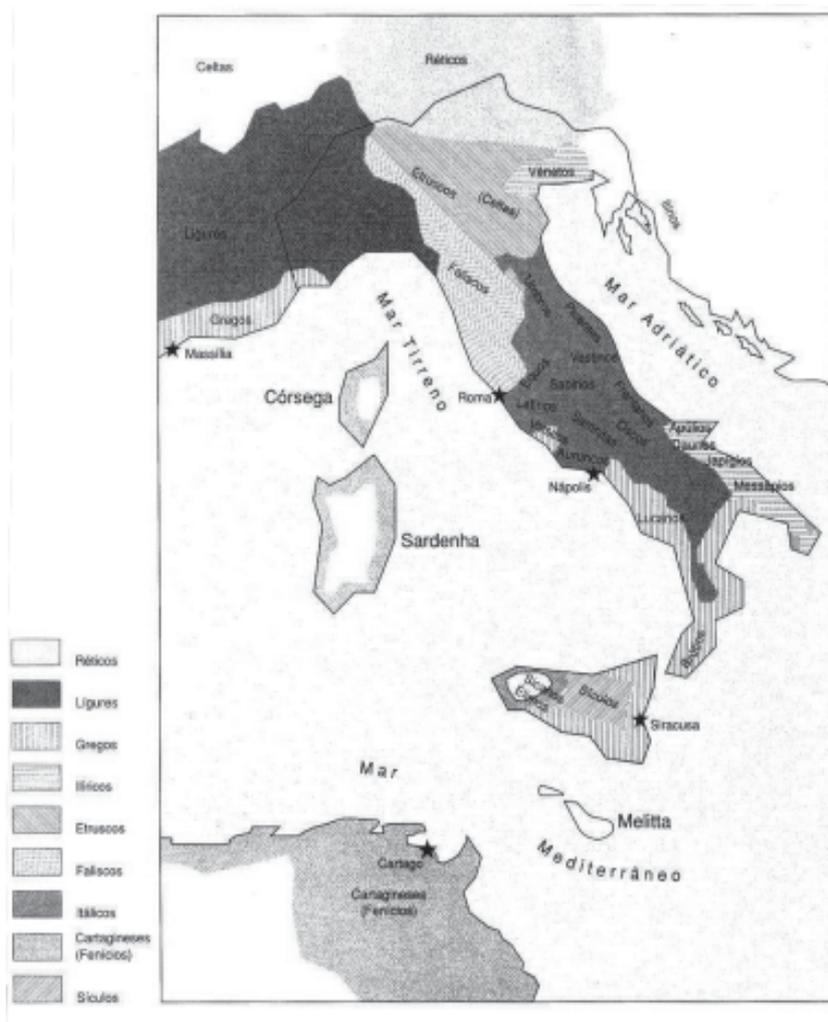
a) Centro e Sul da Itália.

b) Dalmácia.

c) Romênia.

III. *Sardenha*

Esta divisão da România é quase a mesma do fim da época imperial: não leva em consideração, como se percebe na bipartição da Itália, a divisão atual em grandes espaços linguísticos nacionais (que são um fato da história medieval e moderna) criados pelo prestígio das línguas escritas, mas apóia-se exclusivamente na averiguação dos dialetos.



**Povos da Itália Antiga.**

(Fonte: BASSETTO, Bruno Fregni. *Filologia Românica*. São Paulo: Ed USP, 2005. p. 354).

Posteriormente, os territórios serão mostrados em detalhes, bem como será apresentada uma configuração exaustiva das características linguísticas de cada denominação. Temos a totalidade de dez línguas que hoje constituem o bojo das que são consideradas românicas: português, espanhol, catalão, provençal, francês, reto-romano, italiano, dálmata, romeno e sardo. Cada uma dessas línguas será objeto de análise durante este curso e você vai ter a oportunidade de conhecer as suas características principais, bem como de identificar semelhanças e diferenças entre elas, tendo sempre como pano de fundo o latim vulgar, como os conquistadores o trouxeram, sobretudo na sua modalidade falada.

## CONCLUSÃO

A filologia românica se impõe como ciência que analisa a trajetória da língua latina em diferentes territórios dominados pelo poder de Roma. Como era de se esperar, o contato com povos diversos e destes com o povo romano opera transformações significativas nas culturas desses povos e o reflexo na língua de cada um imediatamente se faz notar: é um processo de *perdas e ganhos* e isso vai ocasionar o surgimento de uma nova língua, como foi o caso da língua portuguesa, um dos romances do latim.

Os métodos dos estudos filológicos em geral se aplicam aos estudos da filologia românica em particular e esta, sobretudo a partir do século XIX, vai definindo seu problema, construindo suas teorias e percebendo o seu campo de atuação. Atualmente, muitas obras neste domínio revelam a seriedade com que os estudos filológicos românicos vêm sendo considerados servindo de apoio e reflexão para outras áreas afins.



### RESUMO

Importa, inicialmente, reconhecer tudo quanto se diz da filologia em geral e daí tentar criar analogias com a romanística em particular. É preciso transitar por elementos de toda ordem como os históricos, geográficos, culturais e outros e, por meio deles, compreender os constituintes linguísticos das variações do latim até chegar aos diferentes romances.

Para isso, recomenda-se uma revisão dos elementos básicos do latim e até mesmo um estudo articulado aos conteúdos dos módulos já estudados de Fundamentos da Língua Latina (I e II).

Muitos conteúdos de filologia ficarão mais evidentes quando compreendidos à luz da constituição do latim vulgar em contato com outras bases linguísticas. Há todo um processo histórico que explica certos fatos no trato com as línguas, inclusive o preconceito, que até hoje não desapareceu e que está muito associado à questão da dominação de um povo sobre outro, de cuja contexto não está ausente o aspecto linguístico e talvez seja mesmo um dos mais agravantes a começar pelas denominações pejorativas com que são tratados os povos considerados inferiores.



### ATIVIDADES

As questões para avaliação desta aula continuam sendo de ordem subjetiva, sempre reforçando a necessidade de reflexão e assimilação dos conceitos, valendo tudo quanto se falou anteriormente sobre a consulta, a pesquisa.

- a) Recorrendo à explanação acima, realize uma listagem de todas as bases conceituais usadas para situar a FILOLOGIA ROMÂNICA no âmbito da linguística, bem como outras terminologias que se incluem na ciência filológica. Destaque as semelhanças e diferenças desses conceitos entre si.
- b) Faça uma síntese do percurso dos estudos filológicos ao longo dos tempos, reconhecendo a maior ou menor intensidade no trato dessa ciência.
- c) A Igreja é a grande responsável pela manutenção do latim e da cultura românica até o século XX. Mas a Igreja também contribuiu para o progresso das línguas românicas. **COMENTE ESSA AFIRMAÇÃO.**

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Essas questões avaliam a percepção que você, caro aluno, pôde demonstrar depois de ter lido e relido os conteúdos expostos.

O grau de percepção que você demonstra é um forte elemento para você mesmo, enquanto aluno de um curso universitário a distância, avaliar o seu envolvimento no processo, aliado à capacidade de estudar sozinho e tirar suas próprias conclusões. As respostas para as questões acima estão espalhadas por toda a explanação do conteúdo. Aqui se pede, pois, é a realização de um trabalho de síntese, compilação, comparação, uma espécie de exercício menor de tudo quanto você vai precisar fazer ao longo das aulas, haja vista ser esta a postura da ciência filológica.

BOA SORTE!

Prossegue a sugestão da aula anterior: é importante que o aluno de Letras vá constituindo um vocabulário dos termos que se destacam de cada lição, visto serem esses elementos a base para a compreensão e o aprofundamento dos conceitos e teorias. Deste modo, complete o seu trabalho pesquisando e organizando por ordem alfabética os seguintes termos:

Romance / Romanço / Populus Romanus / Romani / Edito de Caracala / Concílio de Tours / România / Gália / Britânia / Germânia / Romanística / Romanidade / Rético / Dalmácia / Romênia e outros.

Muitas palavras sugerida aqui e nas outras aulas serão pura seleção dos termos usados durante as explicações.

Certamente virão compor este glossário palavras outras, novas, fruto de suas pesquisas como aluno ou, melhor dizendo, de seu trabalho como filólogo, segundo o espírito desta disciplina e a capacidade que você vai demonstrando de desenvolver um trabalho nesta área.

## REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.